

TEMAS ECONÔMICOS



Impactos da COVID-19 na Indústria

► SUMÁRIO EXECUTIVO

A pandemia de coronavírus vem atingindo as empresas industriais fortemente, trazendo dificuldades diversas na travessia desse período de crise. A Federação das Indústrias do Estado do Maranhão – FIEMA, procurando conhecer a dimensão do impacto, realizou uma Consulta Empresarial, junto às indústrias locais, levantando informações que pudesse servir de subsídio para a formatação de ações de interesse de suas afiliadas e, ao mesmo tempo, avaliar a grau de proximidade das dificuldades das empresas estaduais em paralelo à situação nacional levantada pela Confederação Nacional da Indústria, em Sondagem Especial Nº 77, num período de 1º a 14 de abril.

A pandemia do novo coronavírus atingiu as empresas industriais principalmente por meio da queda da demanda, que resultou em diminuição ou mesmo paralisação da produção. A maioria das empresas está com dificuldade para cumprir com os pagamentos correntes e o acesso a capital de giro tornou-se mais difícil. O impacto sobre o emprego ainda está limitado. As principais medidas, relativamente aos empregados, são férias, ajustes via banco de horas e redução da jornada de trabalho. As demissões foram uma das soluções adotadas por menos de 2 em cada 10 empresas.

No plano nacional, sete em cada dez empresas industriais citam a queda no faturamento entre os cinco principais impactos da COVID-19, de acordo com a Sondagem Especial: Impacto da COVID-19 na Indústria, elaborada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). A inadimplência e o cancelamento de pedidos foram apontados por 45% e 44% dos entrevistados, respectivamente.

Entre as empresas da indústria (extrativa, de transformação e construção), 70% citam entre os cinco principais impactos da crise desencadeada pelo novo coronavírus a queda no faturamento. A paralisação das atividades, por tempo determinado ou mesmo por tempo indeterminado, atingiu 31% das empresas industriais. Destaque-se, ainda, a preocupação que as empresas demonstram ter com seus empregados. A quase totalidade delas adotou o afastamento daqueles pertencentes ao grupo de risco, preservando-os como pessoa e como trabalhador da empresa. Com importância destacada aparece, também, a promoção de campanhas informativas e educativas em prevenção, cuidados com higiene na empresa e fora dela, prática citada por 65% das unidades pesquisadas, nacionalmente.

No Maranhão, a pesquisa Consulta Empresarial, feita pela FIEMA, também apontou uma queda no volume de produção. Para 88,1% das empresas consultadas a produção foi afetada negativamente, sendo que para 33,3% a queda foi muito intensa e para 23,8% delas a produção está parada (por tempo determinado ou indeterminado). Somente para 11,9% houve aumento de produção.

Para 95,3% das empresas consultadas, no estado, houve queda de produção, sendo que para 52,4% esse impacto foi intenso, enquanto para outras 42,9% a redução foi fraca. Somente 4,7% das consultadas informaram ter aumento de demanda no Estado. Para 61,9% a queda de faturamento é a grande queixa.

Dificuldades na logística de transporte ou na aquisição dos produtos ou de insumos e matérias primas são queixas de mais de 75% das empresas respondentes, em termos nacionais, o que afeta significativamente a oferta industrial, no período da pandemia. Como houve queda de demanda, o impacto sobre o faturamento foi inevitável e mais crítico ainda por dificultar o pagamento de despesas rotineiras, a exemplo de folha de salários, de contas de energia elétrica, impostos, aluguel, fornecedores e outras. Dificuldades apontadas pelas indústrias do Maranhão e do Brasil, num contexto mais amplo.

Em resumo, mais de 90% dos empresários industriais relataram que a pandemia do novo coronavírus resultou em um impacto negativo sobre sua empresa, sendo que, do total, apenas 6% dos empresários responderam que a empresa não foi impactada, enquanto para 3% o impacto foi positivo.

A indústria do Maranhão não difere da brasileira nesse quadro de restrições impostas com o combate ao coronavírus. Metade das empresas consultadas informaram ser muito difícil a disponibilidade financeira, enquanto que, para 30,9% delas, a situação se mostra indiferente, nem fácil, nem difícil. Apenas 4,8% das empresas estão com facilidade para lidar com esses pagamentos.

► 1 IMPACTOS NA DEMANDA E NA PRODUÇÃO

Os impactos do novo coronavírus tem sido sentido em todas as empresas industriais, em graus de intensidade variada conforme os indicadores que se cotejem: produção, demanda, receita, disponibilidade financeira etc.

TABELA 1 - IMPACTO NA PRODUÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO BRASIL E DO MARANHÃO

BR	PRODUÇÃO NAS INDÚSTRIAS	MA
17,0%	Queda intensa de produção	33,3%
28,0%	Queda fraca de produção	31,0%
17,0%	Produção parada por tempo determinado	2,4%
14,0%	Produção parada por tempo indeterminado	21,4%
4,0%	Produção aumentou	11,9%
18,0%	Produção estável	-
2,0%	Não sabe/não respondeu	-

Os dados da Tabela 1 mostram que a produção das indústrias maranhenses foi sensivelmente mais impactada pela pandemia do que as nacionais. 88,1% das respondentes informam que foram negativamente impactadas, no Maranhão, o passo que, para o conjunto do país, esse percentual foi de 76,0%.

No estado, a queda de produção foi reclamada por 64,3% das respondentes, contra 45% o total do Brasil. No entanto, a paralisação do processo de produzir foi maior em termos nacionais, principalmente na construção, mas para 11,9% das maranhenses há registro de aumento de produção, o que certamente se deu de modo pontual em alguns segmentos, como alimentos e produtos de higiene e limpeza.

► 2 IMPACTOS NA DEMANDA E NA PRODUÇÃO

Quando questionadas sobre como a pandemia do coronavírus afetou a demanda pelos produtos e serviços das empresas, 95,3% das respondentes, no Maranhão, se informaram que o maior impacto foi na demanda (de modo intenso ou fraco), escala superior à registrada para o nível nacional (76,0%), sendo 38,0% de forma mais intensa.

Em termos nacionais, três em cada quatro empresas industriais apontam queda da demanda e os setores que mais reportaram queda intensa da demanda foram os de vestuário (82%); calçados (79%); móveis (76%); impressão e reprodução (65%) e têxteis (60%).

Segundo a Sondagem Especial da CNI, as indústrias extrativas foram as que menos retração de demanda reclamaram (apenas 17% de queda intensa), o que encontra explicação no fato de ter esta atividade grande participação de exportações para o mercado da China, que permaneceu em alta. 40,0% das extrativas nacionais declararam estabilidade de produção no período.

TABELA 2 – IMPACTO NA DEMANDA PELOS PRODUTOS DAS INDÚSTRIAS DO BRASIL E DO MARANHÃO

BR	DEMANDA POR PRODUTOS DA INDÚSTRIA	MA
38,0%	Queda intensa na demanda	52,4%
38,0%	Queda fraca na demanda	42,9%
15,0%	Produção estável	-
6,0%	Aumento na demanda	4,7%
1,0%	Não sabe/não respondeu	-
18,0%	Produção estável	-
2,0%	Não sabe/não respondeu	-

Entre as respondentes, somente 6,0% no Brasil e 4,7% no Maranhão indicaram ter experimentado algum aumento na demanda por seus produtos e serviços.

Os segmentos da Construção e da Indústria de Transformação foram os mais afetados, em termos nacionais, com retração de demanda de 80,0% e 76,0%, respectivamente, ampliando uma dificuldade que já era evidente antes da pandemia, conforme se vê na Tabela 2.

Dessa forma, caindo a demanda, as empresasse viram forçadas a reduzir ou paralisar (por tempo determinado ou indeterminado) a sua produção, de acordo com o que se viu na Tabela 1.

Isto ficou evidente com as medidas restritivas que impuseram o isolamento social, ou seja, o mercado consumidor foi diretamente afetado, reduzindo a demanda, a produção e, em consequência desta, gerou aumento de desemprego ou subemprego.

► 3 IMPACTOS SOBRE A LOGÍSTICA

Não apenas a demanda foi afetada pela pandemia do coronavírus, como já se viu na abordagem sobre a produção. Mas, além desta, a crise abalou o lado da oferta, desorganizando a estrutura logística e, assim impondo dificuldades às empresas na distribuição dos produtos ou na obtenção e transporte de insumos ou matérias primas para a produção.

Segundo a pesquisa da CNI, 76,0% das indústrias respondentes dizem ter encontrado dificuldades na logística de transporte de seus produtos ou insumos/matérias primas, em decorrência da pandemia (Tabela 3). “A dificuldade logística surge pelos impactos da quarentena sobre as empresas da cadeia de logística, como transportes, e mesmo serviços de apoio, como por exemplo restaurantes e postos de gasolinas nas estradas”.

TABELA 3 – DIFICULDADES NA LOGÍSTICA DE TRANSPORTES DE PRODUTOS, NO BRASIL E MARANHÃO

BR	DIFICULDADES NA LOGÍSTICA DE TRANSPORTE DE PRODUTOS, INSUMOS OU MATÉRIAS PRIMAS	MA
25,0%	Houve muita dificuldade	41,5%
51,0%	Houve pouca dificuldade	34,1%
22,0%	Não houve dificuldade	24,4%
2,0%	Não sabe/não respondeu	-

Ainda, entre as empresas industriais, 77% afirmam ter encontrado dificuldades para obter insumos ou matérias primas necessários para desenvolver sua atividade. A dificuldade de se obter matérias primas deriva tanto de fatores de logística como da própria paralisação de atividades em setores que se encontram na cadeia produtiva das empresas.

As dificuldades relacionadas ao transporte de seus produtos, de insumos e matérias-primas foram destacadas pelas empresas consultadas, no Maranhão. 75,6% delas dizem estar enfrentando dificuldades relativas à logística de transporte de seus produtos, insumos ou matérias-primas, sendo que, nesse total, 41,5% consideram uma dificuldade muito forte. Apenas para 24,4% não houve dificuldade. Percentuais muito próximos dos registrados na pesquisa da CNI.

TABELA 4 – DIFICULDADES NA OBTENÇÃO DE INSUMOS E MATÉRIAS PRIMAS, NO BRASIL E MARANHÃO

BR	DIFICULDADES NA OBTENÇÃO DE INSUMOS E MATÉRIAS PRIMAS	MA
27,0%	Houve muita dificuldade	39,1%
50,0%	Houve pouca dificuldade	34,1%
21,0%	Não houve dificuldade	26,8%
3,0%	Não sabe/não respondeu	-

Cenário parecido foi encontrado nas empresas do estado do Maranhão. 73,2% das indústrias consultadas informaram estar encontrando dificuldade para a obtenção de insumos ou matérias-primas, nesse ambiente de coronavírus, sendo que, para 39,1% delas, isto tem sido mais intenso. Para 26,8%, no entanto, não tem havido dificuldade na obtenção de insumos ou matérias-primas.

As dificuldades logísticas decorrentes da crise aparecem nos 21% que citam a falta de insumos e matérias primas entre os cinco principais impactos, e nos 20% que citam a dificuldade de transportar ou escoar a produção, os insumos e as matérias primas para a indústria nacional.

► 4 MEDIDAS EM RELAÇÃO AOS TRABALHADORES

Quase a totalidade das empresas (95,0% das respondentes) adotaram medidas importantes em relação aos seus trabalhadores, tanto no plano nacional, quanto no estadual. As mais adotadas foram o afastamento de empregados do grupo de risco e a promoção de campanhas de informação e prevenção, com medidas extras de higiene na empresa, ambas adotadas por 65,0% das empresas industriais.

Também se destacam entre as medidas o trabalho domiciliar (home office), adotado por 61% das empresas, a concessão de férias para parte dos empregados, adotada por 50%, e o afastamento de empregados com sintomas, adotado por 49% das indústrias nacionais.

As empresas maranhenses também se viram obrigadas a adotar uma série de medidas alternativas em relação aos seus trabalhadores, com maior destaque para a concessão de férias para parte dos empregados (66,7%), o afastamento daqueles que apresentassem algum sintoma (64,3%) e o trabalho domiciliar (57,1%), as alternativas mais praticadas, além da redução da jornada de trabalho e o uso do banco de horas (mais utilizado no Brasil, que no Maranhão). Apenas 9,5% dos respondentes concederam férias coletivas a todos os empregados, o que, certamente, guarda relação direta com o quantitativo de empresas com produção paralisada. No Brasil, elas foram concedidas por 16,0% das empresas (Tabela 5).

TABELA 5 – MEDIDAS ADOTADAS EM RELAÇÃO AOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA, NO BRASIL E MARANHÃO

BR	MEDIDAS ADOTADAS PELA INDÚSTRIA COM RELAÇÃO AOS EMPREGADOS	MA
50,0%	Férias para parte dos empregados	66,7%
49,0%	Afastamento dos empregados que se apresentassem com sintomas	64,3%
61,0%	Trabalho domiciliar (home office)	57,1%
19,0%	Redução da jornada de trabalho (com ou sem redução de salários)	28,6%
36,0%	Uso de banco de horas	26,2%
15,0%	Demissão/dispensa de empregados	19,0%
8,0%	Suspensão temporária dos contratos de trabalho	14,3%
19,0%	Alteração em turnos de trabalho (divisão de equipes)	14,3%
16,0%	Férias coletivas para todos os empregados	9,5%
2,0%	Outras	11,9%

Ressalte-se que as demissões ou dispensa de empregados não estiveram entre as primeiras alternativas das empresas, reforçando uma preocupação com a manutenção do emprego.

► 5 CAPITA DE GIRO E ACESSO AO CRÉDITO

A queda na receita e a manutenção de despesas correntes fizeram com que seis em cada dez empresas industriais do país relatassem dificuldades para honrar pagamentos de rotina, conforme apontado pela CNI. Para 59% das empresas industriais brasileiras, a pandemia do coronavírus tornou difícil ou muito mais difícil suas disponibilidades para honrar os compromissos rotineiros (salários, energia elétrica, tributos, fornecedores etc). Para 34,0% das respondentes nacionais, a situação foi considerada estável, nem fácil, nem difícil.

Na consulta empresarial feita pela FIEMA, 64,3% das indústrias pesquisadas consideraram que as suas disponibilidades ficaram mais críticas (pouca ou muita dificuldade) para honrar os compromissos do dia-a-dia. Para 30,9% a situação não foi considerada nem fácil, nem difícil, conforme exposto na Tabela 6.

Mesmo na crise, 5,0% das empresas consultadas, em termos nacionais, entendem como fácil ou muito fácil as suas disponibilidades, índice muito próximo do encontrado no Maranhão.

TABELA 6 – DISPONIBILIDADE DAS INDÚSTRIAS PARA HONRAR COMPROMISSOS, NO BRASIL E MARANHÃO

BR	DISPONIBILIDADE PARA HONRAR COMPROMISSOS	MA
1,0%	Muito fácil	0,0%
4,0%	Fácil disponibilidade	4,8%
34,0%	Nem fácil, nem difícil	30,9%
33,0%	Pouca dificuldade	14,3%
26,0%	Muita dificuldade	50,0%
3,0%	Não sabe/não respondeu	-

Se as empresas já apontavam dificuldade financeiras para cumprir seus cronogramas de pagamento, o que não dizer quando se observa que o acesso ao crédito ficou ainda mais difícil? A crise agravou ainda mais a dificuldade, principalmente para as micro e pequenas empresas.

Para 45,2% das indústrias maranhenses respondentes o acesso se tornou difícil ou muito difícil, percentual este muito próximo do registrado, pela pesquisa da CNI, em termos nacionais (55,0%). Apesar das dificuldades do momento, 38,1% das empresas consultadas no estado disseram precisar de capital de giro.

Na pesquisa da CNI, praticamente o mesmo percentual de indústrias de transformação (19,0%) e de construção (17,0%) consideram o acesso ao capital de giro muito difícil, diferentemente do que acontece com as indústrias extrativas (11,0%). Soma-se a esse percentual a proporção das empresas que julgaram ter ficado difícil o acesso (37,0% para as indústrias do segmento de construção e de transformação), denotando o quanto é crítico esse fator num ambiente de crise e ante a necessidade de recuperar a atividade econômica.

Atente-se para o fato de que o governo federal tem adotado várias medidas voltadas para apoio às empresas nesse momento de crise, mas, apesar disso, há uma grande resistência por parte dos bancos, onde se destacam a burocracia, a exigência de garantia e os custos, estes na alegação de elevados riscos de uma operação num ambiente de insolvência e dificuldades conjunturais.

TABELA 7 – IMPACTO DA PANDEMIA NO ACESSO AO CAPITAL DE GIRO, NO BRASIL E MARANHÃO

BR	ACESSO A CAPITAL DE GIRO PELAS INDÚSTRIAS	MA
-	Não precisou de capital de giro	38,1%
-	Precisou de capital de giro	16,7%
2,0%	Mais fácil acesso ao crédito (capital de giro)	0,0%
37,0%	Difícil acesso ao crédito (capital de giro)	19,0%
18,0%	Muito difícil o acesso ao crédito	26,2%
16,0%	Não sabe/não respondeu	-

Observação: Na pesquisa da CNI não foi perguntada a necessidade de capital de giro.

Na avaliação nacional, a CNI verificou que 91,0% dos empresários industriais informaram que a pandemia do novo coronavírus impactou negativamente as atividades e resultados de suas empresas e que somente 6% responderam não terem sido impactados. Para 3% o impacto foi positivo. 26% das empresas respondentes relataram que o impacto foi muito intenso.

Os segmentos da indústria de transformação foram os mais atingidos, seguindo-se a construção civil, e as indústrias extrativas as menos impactadas e, em certo sentido, até favorecidas pelas exportações para o mercado chinês.

Dentre as empresas positivamente impactadas, sobressaíram os setores de Higiene, produtos de limpeza, perfumaria e cosméticos, com 24%, e Farmoquímicos e farmacêuticos, com 15%, impulsionados pela natureza da pandemia, que levou a aumentos de demanda específica.

No Maranhão, as empresas mais impactadas foram as do setor de construção e de transformação, nessa ordem, e com intensidade relativamente menor do que a observada nas atividades de comércio e serviços.

Somente 11,9% das indústrias respondentes declararam aumento de produção, e para 4,7% houve crescimento na demanda pelos seus produtos. O impacto negativo na produção industrial maranhense pesou para 88,1% das que responderam a consulta empresarial feita pela FIEMA.

De um modo geral, considerando todos os indicadores, o impacto foi negativo para mais de 75% das empresas e isto se confirma no alto percentual (64,3%) das respondentes que relataram não ter disponibilidade para honrar os compromissos rotineiros.

“As duas pesquisas (FIEMA e CNI) demonstram o cenário caótico por que passa a indústria e a necessidade urgente de se tomarem medidas objetivas para evitar ainda mais desempregos. Sabemos dos impactos e esperamos trabalhar juntos na busca de uma solução, com a maior segurança para a saúde dos trabalhadores e das próprias empresas!”, afirma o presidente da FIEMA, Edilson Baldez das Neves.